

CORPOS DIVINOS

Maria Consuelo Oliveira Santos¹

No início do ano de 2004, dei início a um trabalho de campo com grupos espirituais na cidade de São Paulo. Nos relatos das histórias dessas organizações, verifiquei muita proximidade entre estes fatos. De reuniões informais, com familiares e amigos, chega-se a um ponto em que o ambiente físico já não comporta o número de participantes e se aluga um espaço mais amplo. Nesse movimento, se transformam em organizações for-

“
A cidade é
o cenário de
grupos espirituais
fundados nos
últimos vinte anos

mais e não lucrativas. Segundo as narrativas de parentes, amigos e conhecedores das histórias dos grupos, isso ocorre por sugestão e incentivo dos mentores espirituais dos sensitivos que lideram esses grupos.

A cidade tão densamente povoada, com seus mais de dez milhões e oitocentos mil habitantes é o cenário de grupos

espirituais fundados nos últimos vinte anos. Normalmente não se autodeclaram religiosos; nomeiam-se grupos metafísicos, centros de estudos, ecumênicos ou similares.

¹ Doutoranda em Antropologia Médica e Saúde Internacional - Universidade Rovira i Virgili, Espanha.

Um dos denominadores comuns entre eles é a afirmação de que os conhecimentos terapêuticos ajudam no processo de evolução² espiritual. Essas organizações também são denominadas, por seus participantes, de “famílias”, dada a ênfase, no sentido comunitário, de compartilhamento de ideais comuns.

Geralmente se estabelecem em espaços amplos, com várias divisões para distintas atividades, bem decorados, com ambientações diferentes, a depender da atividade ali desenvolvida. Algumas salas costumam ser claras, arejadas e outras com uma tênue luz, mais intimistas. Imagens de anjos, mestres³, desenhos geométricos, flores, velas, anúncios de atividades, fotos de viagens são distribuídos nos vários espaços, contando histórias e nos situando em um ambiente em que o som, a cor, o cheiro de óleos essenciais e de incensos se imbricam com toda a profusão de elementos formando jogos de significados, de sentidos. Em alguns grupos, há os locais

2 O termo evolução para os grupos espirituais investigados não tem o sentido de uma lógica linear. Refere-se a uma lógica circular de retorno à origem divina, que consideram ser o destino de todo ser humano.

3 Defendem a existência de seres espirituais em outras dimensões, mais evoluídos que os seres humanos, com a missão de instruir, de ajudar a humanidade e por isso a denominação de mestres. Ainda de acordo com essa visão, todos os seres humanos também chegarão a ser mestres, à medida que evoluírem.

considerados sagrados, onde geralmente estão os altares, e outros polivalentes para as diversas atividades.

Neste trabalho, centrarei a atenção no grupo Pax, situado na zona norte da capital paulista, embora outros grupos possam ser citados durante o texto. O propósito é observar transformações nas vidas das pessoas, a partir da sua inserção nesses grupos. Foram priorizados os integrantes com, no mínimo, um ano de vivência grupal, o que necessariamente não implica participação exclusiva nesta organização.

As atividades no Pax começam às 9 da manhã e se encerram em torno das 19 horas, à exceção da quinta-feira, dia do ritual principal, que termina por volta das 21:30h. Ali se desenvolvem muitas atividades, desde palestras, cursos, encontros, atendimentos individualizados, a rituais desenvolvidos por terapeutas e pessoas sensitivas, tanto do próprio grupo como convidados oriundos de diversos lugares do mundo, a exemplo dos Estados Unidos, Espanha, Portugal e países da América Latina. O número de participantes varia muito e depende do tipo de atividade. Alguns rituais atraem mais de 400 pessoas.

Os temas abordados também eram muito variados, desde noções sobre Kabbalah, ordem de Melquisedek, poder curativo do limão, terapias de rejuvenescimento, Yoga, Tai Chi Chuan, massagem Tui-ná, conheci-

“
A norma e
a disciplina
estão presentes
nas práticas
e atividades
regulares, no
reconhecimento
da autoridade e
da ética grupal.
”

to Maya, noções de Física Quântica, rituais para a cura do Planeta, rituais da prosperidade, seres interdimensionais, Oráculo Egípcio e muitos outros. Há atividades que são constantes e outras variáveis, devido à incorporação frequente de novas propostas de profissionais brasileiros e internacionais.

Embora o grupo afirme que sempre está aberto a todas as crenças “*que engrandecem o ser humano*” e que não existem obrigações para os participantes em termos de vestimenta ou hábitos alimentares, por exemplo, observa-se que a norma e a disciplina estão presentes nas práticas e atividades regulares, no reconhecimento da autoridade e da ética grupal.

Para confirmar essa observação, cito a existência de um ritual religioso fixo, semanal, com uma série de atos e posturas de contrição, silêncio, repetição de frases, gestos, utilização de aromas, cantos e a canalização de mensagens. Neste ritual, o ponto máximo é quando a sensitiva-líder do grupo canaliza⁴ as mensagens dos Mestres da Grande Frater-

4 Canalizar é o ato de “receber” mensagem de seres ascensionados através de pessoas sensitivas.

nidade Branca Universal⁵, consideradas as verdades que o grupo terá como referência para compreensão de uma vasta gama de aspectos e de padrões comportamentais.

A líder principal⁶ é considerada uma pessoa com um tipo de frequência vibratória que torna possível o contato com seres de luz. Os instrutores do grupo explicam que isso não é um dom especial, mas resultado da evolução de cada um, pois potencialmente todos os seres humanos poderão desenvolvê-lo. Explicam, ainda, que ela veio com a missão de realizar um trabalho abnegado, com o intuito de ajudar a todos aqueles que estejam abertos a receber os ensinamentos da Grande Fraternidade.

No Pax, o carisma da líder tem relação com as revelações dos mestres, através do textos canalizados para seu próprio corpo, que a unguem como uma pessoa que tem a missão de ser a divulgadora de mensagens espirituais de hierarquias superiores. O seu mentor é o Mestre Saint Germain, o líder da Grande Fraternidade para os tempos atuais, consi-

5 Para os grupos espirituais investigados, refere-se a uma fraternidade de seres de luz, vistos em estágio mais avançado que os seres humanos e que têm como missão promover e monitorar o desenvolvimento espiritual da Terra. Segundo os sensitivos, o termo branco refere-se ao halo de luz branca que circunda os referidos seres.

6 Sra. Carmen, fundadora do grupo, que existe desde 1985.

derado um ser de luz tão poderoso como Jesus Cristo. Nesta perspectiva, Mestre Jesus, como é denominado nos grupos, é um dos integrantes da fraternidade citada.

O poder carismático da líder principal recebe sustentação de outras sensitivas-instrutoras, que trabalham ao seu lado. O grupo afirma que elas também estabelecem contatos com seres de hierarquias superiores. Nos diálogos, conversas, troca de informações ou entrevistas semi-estruturadas, com participantes do Pax, constatamos haver reconhecimento e aceitação da liderança, a partir dessa proximidade.

Os demais instrutores e terapeutas que não possuem o dom do contato com seres ascensionados eram respeitados, mas sem a força daqueles que foram, digamos assim, ungidos pela Grande Fraternidade. Podemos dizer que o carisma, além de ser uma das fontes de autoridade, é também de identidade e de pertinência.

Segundo Csordas (1997), a norma e a disciplina se orientam em direção a uma necessidade coletiva de contenção, processo que tem como garantia o fortalecimento das atribuições e papel do líder. Considera que não é nada fortuita a correlação entre o carisma e a normatização da vida coletiva. No caso do grupo em estudo, o carisma se enquadra dentro da noção de Weber (1993), de ser a qualidade extraordinária atribuída pelos fiéis

“
Era uma
bênção que os
ensinamentos
das hostes de luz
chegassem para
todos.

”

a um personagem considerado destinatário de uma missão.

Durante os sábados, dia de muitas atividades, foi possível estabelecer um contato mais próximo com os participantes. Em um dos intervalos das atividades, conheci uma enfermeira aposentada, de 56 anos, solteira. Em nossas conversas, percebi algumas das suas motivações e também do grupo.

Essas conversas se estendiam ao trajeto que fazíamos juntas, ao retornarmos para casa, de ônibus e de metrô. Ela se diz muito grata por pertencer “à família Pax” e que era uma bênção que os ensinamentos das hostes de luz chegassem para todos.

No mesmo período, também conheci uma ex-bancária, hoje aposentada, de 53 anos, que fazia o mesmo percurso de retorno à casa. Lembro-me que uma das nossas primeiras conversas foi sobre o corpo e ela nos fez uma pergunta-observação sobre a ênfase do poder purificador da água: *vocês ouviram a mensagem do Mestre⁷, do que ele*

7 Refere-se ao Mestre Saint Germain, patrono do grupo, considerado um ser de muita luz e que se aproxima da Terra para ajudar a humanidade. Segundo os instrutores, as mensagens canalizadas são parte desse plano e transformadas em textos para orientação dos participantes.

“
Uma alimentação
equilibrada é
fundamental para
o desenvolvimento
espiritual, pessoal
e grupal
”

disse da necessidade de utilizarmos nossos corpos, que a água é fundamental para isso? Em uma das mensagens canalizadas e atribuídas à Mãe Maria, fica evidente esse aspecto: “Tornai vossa alimentação leve e saudável para que possais liberar um pouco da densidade que vosso corpo detém; abusai da ingestão de água e de sucos naturais, das frutas, legumes e das verduras ”in natura”.

Muitos seguiam esses ensinamentos e ressaltavam que *“uma alimentação equilibrada é fundamental para o desenvolvimento espiritual, pessoal e grupal”*, repetiam sempre. Aqueles que não conseguiam mudar de hábitos para fazer frente às sugestões dos mestres, expressavam o desejo de superação das limitações. Reconheciam que o esforço que faziam ainda era insuficiente para o caminho da evolução espiritual e corriam o risco de perder a chance de se tornar um ser humano melhor

Também tive oportunidade de participar de outros grupos espirituais em vários pontos da cidade, que seguiam a mesma linha de pensamento quanto à crença em seres da Grande Fraternidade. Assim como o Pax, eram organizações com uma predominância de público feminino, classe média, com idade

a partir dos 35 anos e que estabeleciam uma associação entre práticas espirituais e uso de saberes terapêuticos diversos.

O antropólogo Magnani (1999), em trabalho que é referência sobre o tema, classifica esses grupos de “neo-esotéricos”, ao dizer que o termo se refere a um conjunto de práticas que vão desde as que têm uma relação com a religiosidade a processos de cura com outros sistemas, que não são os ocidentais. Pessoalmente prefiro chamá-los de espirituais, embora reconheça que fazem parte das novas modalidades religiosas, ainda que os próprios grupos discutam essa questão do ser “novo” ao considerar que os seus fundamentos são muito antigos.

Segundo os profissionais e participantes do grupos, o termo “novo” não faz juz à história dos seus conhecimentos, que são o resultado de séculos de experiência. Eles também contestam a questão do sentido esotérico, que está muito relacionado a doutrinas secretas de certas escolas filosóficas. Observam que, atualmente, esses grupos espirituais estão abertos a quem queira participar de suas atividades, sem exigência de requisitos especiais.

Costumam também dizer que o segredo existia *“porque a humanidade não estava preparada para certas verdades, mas que já alcançou um certo patamar de consciência que permite que tudo venha à tona, pois estamos*

no tempo da revelação, onde tudo tem que ser conhecido por todos”, afirmou uma das sensíveis-instrutoras dos grupos.

Essas organizações espirituais também costumam se posicionar em favor do ecumenismo, pois defendem princípios de diferentes tradições e práticas diversas sem nenhuma barreira delimitante entre elas. Os grupos procuram fundamentar-se nos textos canalizados pelos mestres da Grande Fraternidade e, segundo os próprios sensitivos, os seus mentores espirituais os direcionam a conhecimentos construídos no Egito, na Índia, no Tibet, entre outros, que permitem estabelecer um entrelaçamento entre os vários saberes, através de pontos comuns a todos eles.

A definição pela terminologia espiritual é compartilhada com o texto de Negrón (2002, p. 900), quando observa a polissemia do termo, o que vai permitir aplicá-lo aos diversos grupos. Espiritualidade é um termo polissêmico e, como o autor apresenta, poderíamos nos referir à natureza, qualidade ou condição de ser espiritual, ou seja, àqueles que possuem espírito, e neste sentido, toda pessoa é espiritual e o termo não se refere necessariamente a uma divindade ou ao estilo de um Deus.

Os seres humanos, deste ponto de vista, seriam espirituais com a capacidade de reflexionar e auto-transcender-se. Negrón afirma que “*La espiritualidad puede estar ligada*

a la religión, pero no lo está necesariamente” (idem, p. 902), portanto pode estar relacionada com a busca de significados, com as relações e com a transcendência. Para Vasconcelos (2006, p. 45), “*Esta espiritualidade que assume a transcendência como divina, por revelar a presença de um Outro na alma humana, pode ser chamada de **religiosidade***”.

1. ANSEIO DE UNIFICAÇÃO

“
A espiritualidade
que assume
transcendência
como divina
pode ser
chamada de
religiosidade
”

Durante uma das conversas com alguns participantes, no intervalo de um curso, lembrei-me de um texto muito antigo, de autor desconhecido, traduzido por Lacarrière (1987)⁸, onde seis mulheres se reúnem para falar sobre vários aspectos do seu cotidiano. Entre os assuntos tratados, se encontram as impressões sobre as doenças, os remédios, o corpo humano, receitas, provérbios, conselhos e proibições da vida cotidiana. Neste documento, que fornece a visão de mundo de certa sociedade medieval, encontram-se as correspondências simbólicas que relacionam estreitamente os componentes mine-

selhos e proibições da vida cotidiana. Neste documento, que fornece a visão de mundo de certa sociedade medieval, encontram-se as correspondências simbólicas que relacionam estreitamente os componentes mine-

⁸ *Les Évangiles des Quenouilles*”, publicado em 1480, na Bélgica.

“
Temos
agora outra
oportunidade de
plantar as bases
de uma nova
sociedade, onde
a unidade é o
ponto focal
”

rais, vegetais, animais e humanos a causalidades singulares em um mundo onde não há delimitações e separações.

Sinaliza Le Breton (2002) que, nas culturas arcaicas, nas populares da Idade Média e do Renascimento tudo está em interrelação e é tecido em uma mesma tela, embora com motivos e cores diferentes. É essa sensação de um desejo latente de retorno à indissociação entre o ser humano e o universo, que percebi ser a maior aspiração de diversos grupos espirituais, na cidade de São Paulo.

Participar desses grupos nos remete a uma sensação de desejo de retorno a um tempo em que a palavra chave era a não separação e, de certo modo, eles comportam em seu ideário uma espécie de saudosismo em relação a um tempo em que, segundo os seus relatos míticos, existia uma perfeita integração entre o ser humano e o seu entorno, como sinaliza a fala de uma instrutora: *“o ser humano já viveu momentos de grande poder e integração, mas não sustentou essa energia e se auto-destruiu⁹ [...] temos agora outra oportunidade de plantar as bases de uma nova so-*

9 A auto-destruição se relaciona à crença de outras civilizações foram destruídas, a exemplo da Atlântida e Lemúria.

cidade, onde a unidade é o ponto focal.”

Enquanto as mulheres do texto citado viviam em integração com o seu entorno, o público que participa desses grupos tenta superar as dicotomias com o desejo de restabelecer o que foi cindido através da incorporação de novos saberes e práticas que permitam uma construção mais integradora. Para ele o que existe é somente a unidade e considera que a separação é uma ilusão vivenciada ao nível da matéria. Que o grande aprendizado é romper com a visão dual e o estabelecimento de um pensar não cindido e ações que os ajudem a restabelecer a consciência da unicidade.

Em uma de suas palestras, a sensitiva J..., fez a seguinte declaração: *“a unidade é a realidade que existe e o trabalho da humanidade é romper aqui e agora com o que separa e desune”*. Inclusive há um tratamento aromaterápico, realizado sob sua responsabilidade e que se denomina “Unindo as Polaridades nas Bênçãos de Mestra Egéia”¹⁰. É um procedimento que se faz com a utilização de uma mescla de óleos essenciais egípcios de lótus e papiro.

Em um prospecto que acompanha a referida mescla de óleos essenciais, que é ven-

¹⁰ É considerada uma Mestra que pertenceu a uma organização espiritual egípcia conhecida como os Irmãos de Luxor.

dida na livraria do Pax, se lê que é um tratamento para “*transformar as irradiações limitadas do corpo através da energia do olfato, absorvendo luz que libera a onipotência dos corpos mentais e emocionais possibilitando com isso a longevidade do corpo físico*”. O tratamento é iniciado com um atendimento

individualizado e depois a pessoa é estimulada a fazer uso diário desse azeite.

“
As redes de
conhecimentos
vão sendo
tecidas através
da experiência
pessoal e grupal
”

O intento de unificação se faz na mais ampla variedade de propostas e temáticas de diferentes campos que se entrelaçam, se imbricam, se intercomunicam como é o caso das noções de energia, carma, vibração, frequência, sintonia, sincronicidade e ascensão. As redes de conhecimentos vão sendo tecidas

através da experiência pessoal e grupal, onde o mito, o sentir, a imaginação permitem ao grupo uma fluidez livre das imposições de certos formalismos que possibilita gerar uma espécie de *patchwork* de idéias, interrelacionando conceitos, propostas de comportamentos individuais e coletivos - alinhados a uma postura ética.

A princípio, pode nos parecer um emaranhado de concepções, mitos, ritos, histórias, fatos científicos, textos vindos de outras dimensões - através de canalizações - e nos im-

pressiona a facilidade de passar de um campo para outro sem nenhum constrangimento. Aos poucos, a partir da clareza de compreensão dos participantes quanto aos objetivos que desejam alcançar, das práticas a serem realizadas, dos resultados obtidos, nos vão indicando a tecitura de uma malha interdisciplinar e que a validade dessas construções podem ser aferidas diante de posturas positivas, frente à vida.

Diante disso, torna-se cada vez mais pertinente que observemos a proposta de Bachelard (1978) de uma nova razão, onde a imaginação joga um importante papel. Argumenta que razão e imaginação não são dimensões distanciadas mas participam juntas das criações humanas e ressalta que o ser humano é um ser demiurgo, ou seja, instaurador de novas realidades.

2. ESPIRITUALIDADE E CORPO

Desde os primeiros contatos com esses grupos, o que ficou perceptível foi a relação de proximidade entre a espiritualidade e o corpo. Esses grupos tentam estabelecer a não cisão entre o espiritual e o corporal. Diria mesmo que é uma espiritualidade encarnada, considerando que vislumbram dimensões mais sutis que a matéria mas que, ao mesmo tempo, presentificam-se na própria matéria. Nessa direção todas as coisas são

vistas como interconectadas, onde o visível e o não visível são aspectos de uma mesma realidade.

O espiritual, portanto, é entendido como uma dimensão da realidade que é vivenciada com e através do corpo, em conexão com o universo. Como dizem os instrutores, tudo se resume à energia, aos fluxos energéticos. A matéria seria, então, a energia em forma condensada. Esses grupos defendem que o corpo é a energia que se condensou para que cada ser humano pudesse vivenciar determinadas circunstâncias necessárias à sua evolução espiritual. Sustentam que a sensação de viver em íntima interconexão entre alma e corpo é algo que está ao alcance de todos, mas que exige trabalho e disciplina, no aqui e no agora.

Observei que essa sensação de anseio em busca da interunião é um dos fundamentos dos diversos grupos. Dizem que um dos mais importantes aprendizados é restabelecer a interconexão entre a existência corporal e a não-física. Mesmo que se reconheça que nunca tenha existido a separação, o fato de se viver em uma terceira dimensão, que é a dimensão física, já impõe a experiência da separação por conter em si a dualidade. Unificar, portanto, é a palavra chave. Um instrutor de yoga, presente em uma das reuniões do grupo Alpha Lux, afirma:

estamos aqui para recordar que somos partes do todo [...] é um exercício que dá trabalho, mas que se alcança [...], a técnica por si só é vazia, o importante é ter a consciência que gestos, posições ajudam e preparam os corpos para a percepção da unidade.

“
Nos gestos e nas técnicas estão presentes os símbolos morais, intelectuais e os hábitos sociais.
”

Com essa fala retomemos a visão de Mauss (1974) sobre as técnicas corporais. Lembremos que ele ampliou a compreensão dos nossos gestos, movimentos e usos do corpo humano, ao retirá-los do âmbito puramente biológico. Não somente o corpo interage nelas, pois nos gestos, nas técnicas também estão presentes os símbolos morais, intelectuais e os hábitos sociais que são aprendidos e sancionados pela sociedade.

As técnicas corporais são vistas por Mauss como maneiras a partir das quais cada pessoa utiliza seu corpo nas sociedades e em diferentes épocas. Desse modo, o corpo é percebido cultural e historicamente. Podemos dizer que o seu trabalho antecipa a investigação sobre o corpo, cuja reflexão sobre os hábitos corporais demonstram como os grupos sociais ou cada sociedade expressa o seu funcionamento.

Em um dos cursos do grupo Pax, a sua líder principal relembra que o ser humano é procedente do criador do universo e, por-

tanto, é como se fosse uma centelha divina que está em evolução e que traz em si o desejo de retornar à indissociação, “retornar à casa”, como costuma dizer. Durante o curso ela fez um exercício para que as pessoas percebessem a sua divindade e que consistia no seguinte: cada um dos participantes deveria colocar-se diante de um espelho e repetir por três vezes a frase “*Eu sou um ser divino*”. No retorno ela quis saber as sensações das pessoas e os relatos dos participantes eram de espanto, de surpresa, de riso.

Enfatizou que essas sensações eram devido ao distanciamento que a sociedade construiu entre o corpo e sua origem divina. Que o ser humano é parte da divindade, mas ao vir ao plano físico se esqueceu da sua verdadeira origem. Ressaltou que o trabalho a ser feito “é estabelecer a sintonia com Deus, com o universo e, dessa maneira, poder desenvolver o que viemos realizar no planeta Terra”. E durante o curso, ela repetia sempre: *nascermos aqui para manifestar a divindade [...] temos que acreditar no poder pessoal de criação e de manifestação, mas para isso é preciso dominar o Ego¹¹, perdoar, compartilhar, ser compreensivo, sair da limitação, cuidar do corpo, dominar as emoções, fazer meditação, vi-*

11 O Ego é o que limita, é o oponente que tenta controlar e influenciar os comportamentos, por isso a luta é para dominá-lo, sob pena de ser dominado por ele.

giar os pensamentos, ser disciplinado, manter a sintonia com o Espírito Santo [...].

Ficam claros a série de passos e os requisitos para se conseguir alcançar o que seria um corpo que tem consciência e expressa a sua própria divindade encarnada. Com frequência, ressalta-se a necessidade de se ter em conta a pluralidade que implica ser um corpo, onde o físico é apenas uma das dimensões. Considera-se que o corpo físico, o emocional, o mental e o espiritual formam um composto único com as suas especificidades e ao mesmo tempo interdependência. Aprender a exercitar as possibilidades de um corpo originário de uma “chispa divina”, corresponde a ser um corpo que seja o reflexo de um trabalho diário que almeje a perfeição.

Em um dos “Curso de Milagres”, ela nos disse: “*a doença não é real, é uma desconexão com a fonte [...] o trabalho de todos é para manter a ligação com o Eu Sou*¹²”. Nessa visão, estar em sintonia com os planos superiores é o caminho para se alcançar o melhor na vida. Embora a interioridade do sujeito seja bastante enfatizada, o grupo tem um importante papel no processo de aprendizagem de um corpo plural, cuja aspiração maior é a conexão com a “fonte original”.

12 Considerado o corpo eletrônico, perfeito, a presença divina no ser humano.

“
É através do
corpo que a
construção do
mundo tem
sentido
”

Para Merleau-Ponty (1996), o corpo é o locus que nos situa no mundo e nos coloca na situação de seres em experiência. O corpo e o mundo são “um campo de presença” de onde emergem todas as relações da vida perceptiva e do mundo sensível. É através do corpo que a construção do mundo tem sentido. Nessa perspectiva, Csordas (1994) propõe o conceito de *embodiment*, que alguns autores traduzem por corporificação. Esse conceito nos permite falar de uma experiência vivida, imediata, ou seja, a experiência como presença temporal e histórica, com toda a gama de significados.

A atenção é para que não nos fixemos no corpo como entidade material e, sim, como corporalidade, como processo cultural. Essa visão de Csordas (*idem*) percebe o corpo como autêntico campo da cultura (*ground of culture*) e enfatiza sua dimensão potencial, intencional, intersubjetiva, ativa e relacional, sem esquecer as dimensões conflitual e interativa que a experiência de “ser-estar no mundo” comporta. No âmbito dessa visão, a linguagem mais que representar, lhe dá sentido.

A noção de corporificação (*embodiment*) se enriquece quando a interrelacionamos com a de pessoa, sintetizada por Canal (2001:221) como a “metáfora da sociedade”, uma uni-

dade socialmente investida de significação, que interioriza os valores sociais de acordo com o seu contexto sócio-histórico. Assim, a pessoa estaria relacionada com a totalidade, com a não disjunção, com a integração a nível planetário, daí se poderia dizer que há uma construção significativa de uma “pessoa cósmica”, que advém do contexto atual onde esses grupos espirituais ressignificam o existir e isto vai se expressar diretamente na experiência corporal.

Outro aspecto que deve ser interrelacionado à noção de corpo e pessoa é a de subjetividade. Segundo Merleau Ponty (*idem*), não é algo que paira sobre as coisas; é mais uma consciência imbricada com o corpo e que na construção da intersubjetividade surge uma comunicação que tem por cenário o próprio mundo. A noção de intersubjetividade passa a ser compreendida como subjetividade-intersubjetiva.

Ressalta ainda Merleau Ponty que tudo o que o outro é, gravita sobre minha consciência, uma consciência encarnada. O outro não é o objeto para mim; somos dois sujeitos que se referem a um mesmo mundo e em minha experiência não constituo um mundo particular, pessoal e independente dos demais. Apoiado nessa perspectiva, Jackson (1998) aponta que a subjetividade e a intersubjetividade são noções construídas, o que rejeita a idéia de um sujeito universal, fixo. Observa ainda que

“
O rejuvenescimento
e a longevidade
compartem a
idéia de que o ser
humano pode viver
muitos anos e em
bom estado.

”

o único é, ao mesmo tempo, diverso e que não se pode pensá-lo fora de um todo.

Pude perceber que, nesse processo de aprendizagem de um corpo que redescobre a sua divindade, novas identidades vão sendo construídas à medida que os participantes aprendem, incorporam e vivenciam as ideologias compartilhadas nos grupos. De um ser humano “sofredor”, “sem sentido”, “inconsciente”, “ignorante”, como eles mesmos

se descrevem antes da participação nestas organizações, a uma pessoa mais integrada com o mundo, mais feliz e harmonizada com a vida.

Outros aspectos focalizados são o rejuvenescimento e a longevidade. Compartem a idéia de que o ser humano pode viver muitos anos e em bom estado, em todos os aspectos. Inclusive no Pax há vários tratamentos para o rejuvenescimento e a longevidade, e, segundo uma instrutora, o Mestre Saint Germain insiste no equilíbrio das emoções, pois elas são responsáveis por muitos transtornos, pela desarmonia interna, e acentua:

o Mestre insiste que tomemos bastante água, pois a água é fundamental para

um corpo saudável [...] ingerir bastante alimento cru, praticar exercícios, meditação diária, que é altamente revigorante [...] e para ajudar nesse processo, em busca de um corpo saudável, está aí a sua terapia do rejuvenescimento com óleos essenciais.

A ênfase é posta na possibilidade de rejuvenescimento do corpo a partir da mudança de mentalidade e de incorporação de novas práticas. Dizem que Isto não significa que se pretenda a reversão fácil de um estado físico de uma idade avançada a um rejuvenescimento radical. As terapias centram-se no rejuvenescimento celular que implica na conquista do equilíbrio e da saúde. Os rótulos das aparências externas são enfatizados em conjunção com os valores internos. Há uma propagação de conhecimentos para que as pessoas descubram o melhor dentro de si mesmas e das suas formas físicas. Não é um movimento do belo pelo belo, embora a beleza física seja considerada um aspecto da divindade.

O mais importante para o grupo é o sentido da perfeição naquilo que cada ser expressa em sua integridade. O rejuvenescimento é mais na direção do equilíbrio, energia vital, saúde, harmonia, bem-estar, força, dinamicidade e longevidade. Conversando com uma integrante sobre esse aspecto, ela me disse: *“não adianta cirurgias plásticas se a pessoa não se despertar para o melhor dentro dela, pois se*

não for assim tudo retorna [...] o importante é a conexão, o equilíbrio e aí está o segredo.”

Nessa direção, outra integrante comentou que o rejuvenescer implica em um processo mais amplo e que a atitude frente à vida é fundamental. Acreditam que se relaciona diretamente com a superação de tudo o que limita, sentimentos negativos, medo, não-perdão, incompreensões, juízos frente aos demais e tantos outros aspectos limitadores.

A auto-cura é outro tema difundido, que começa com atitudes preventivas desde uma boa alimentação a auto-massagens. Em uma das práticas abertas ao público, uma terapeuta corporal fez uma demonstração da massagem Tui-Ná que, segundo ela, é *“utilizada para harmonizar a energia do corpo através da estimulação dos pontos Yin e Yang, o negativo e o positivo”*. Cada pessoa teve a oportunidade de fazer a massagem no próprio corpo seguindo as suas orientações.

Ela observou que houve a manipulação de canais energéticos através dos pontos de entrada e saída de energias, que necessitam ser constantemente estimulados, e salientou: *“quando apertamos algumas partes de nossos corpos e elas doem, ali estão as energias estancadas e necessitamos liberá-las” [...] a auto-massagem ajuda nisso, tranquiliza o corpo e a mente”*.

Assim, diante de um vasto programa de atividades, de terapias que privilegiam a au-

to-estima, era visível a sensação de conforto e bem-estar das pessoas pela oportunidade de obter novas informações que iam sendo experienciadas, agregadas, imbricadas, interconectadas e que permitiam a construção de novas identidades, principalmente com a perspectiva de um corpo que se redescobre divino.

Algumas pessoas duvidavam da própria capacidade de alcançar o ideário do grupo, visto no depoimento de uma senhora de uns 60 anos *“veja, não sei se vou conseguir alcançar tudo que me dizem, pois não sei se tenho força pra chegar lá [...] mas gostaria”*. Isto nos indica o esforço das pessoas para se ajustarem a novas relações que implicam em profundas resignificações. *“Não é nada fácil rever hábitos, valores, concepções [...] mas posso dizer que já aprendi muito, coisas que nem pensava que fossem possíveis”*, nos comentou outra.

3. VISÃO DESDE DENTRO

Já se tornou quase um lugar comum dizer que a proliferação de novas modalidades religiosas derrubou a idéia de que a religião se extinguiria. O modo religioso, o *religare*, a cada dia nos surpreende com novas alternativas religiosas. A tentativa de compreensão da realidade pela via exclusiva da racionalidade científica, no mínimo, foi colocada em alerta.

No atual momento, é freqüente nos de-

“
Por que nos
custa tanto
perguntar o
que se passa
nestes grupos
religiosos?
”

pararmos com observações enfatizando a ingenuidade e ignorância dos participantes das religiões alternativas contemporâneas. São bem conhecidas as críticas que demarcam os seus participantes como pessoas que se deixam seduzir por milabóricas teorias e falsos profetas.

São visíveis certas observações estereotipadas a respeito dessas organizações, no âmbito mesmo de certos setores acadê-

micos. Creio que esses grupos espirituais estão inaugurando um novo modo de conhecer a realidade, ainda pouco compreendido, e por isso as estigmatizações também a nível midiático, social, político.

Desmerecê-los com categorizações redutoras não nos ajuda a compreender um fenômeno que se espraia desde as grandes às pequenas cidades. Por que nos custa tanto perguntar o que se passa nestes grupos religiosos e preferimos dizer algo simplista, carregado de menosprezo, como se a questão não merecesse a nossa atenção? Não seria essa atitude uma consequência da suposta supremacia do observar a realidade a partir de parâmetros já previamente definidos? Não seria, também, porque nos desaloja de nossas certezas? Pensemos sobre isto.

Tentei, neste texto, demonstrar o que

a existência de uma instituição espiritual pode representar na vida de inúmeras pessoas, a partir de seus pressupostos e ações. Urge, portanto, a necessidade de serem investigadas com suporte de ferramentas epistemológicas que nos impulsionem a avançar sobre a questão. Tendo em conta que essas modalidades religiosas significam posturas e ressignificações sociais, não podem mais ser falsamente despercebidas, tampouco desconsideradas.

E é Cantón Delgado (2003:269) que nos diz: “[...] *hemos de repensar el concepto religión con el que trabajamos a fin de que su oposición tácita o explícita a eso que llamamos Razón deje de extraviar nuestros análisis.*” Um alerta para uma atenção maior ao dinamismo social e das idéias. Que tenhamos cuidado com as lentes com as quais olhamos a realidade, para que não estejam embaçadas com pressupuestos que já não podem mais ter alcance para o entendimento do momento atual.

Veremos, a seguir, críticas de partícipes sobre os ambientes religiosos que participam. São exemplos que nos ajudam a estar mais atentos, desfazendo um pouco a idéia de que são acríticos e influenciáveis, a ponto de perderem o nexos com a realidade ao seu redor. Embora o trabalho fosse realizado em alguns grupos, já nominadas durante o texto, as críticas nem sempre se referem a estes

“
*Estava sem
vontade de
sair, sem saber
para onde ir
e agora estou
aprendendo a
me valorizar*
”

em particular, pois o público dessas organizações também participa de outros grupos e, portanto, as suas críticas serão fruto das suas várias experiências nos diversos grupos.

Ao perguntar a um participante, um dos poucos homens do grupo, um senhor de uns 65 anos, sobre a impressão dos grupos de que participava, sua resposta foi positiva em relação às diversas atividades, embora fosse taxativo quanto à não aceitação da cobrança de taxas,

dizendo que só participava daquelas em que não havia a presença do dinheiro.

Para uma das mais jovens do grupo, com 28 anos, estava sendo grande experiência: *“estava sem vontade de sair, sem saber para onde ir e agora estou aprendendo a me valorizar e me sinto menos sozinha”*. Uma professora de 46 anos, diz ter procurado os grupos espirituais por conselho de uma amiga, pois estava dependente de medicamentos: *“o que necessitava era uma dose de auto-estima, aprender a trabalhar com o poder interno que todos temos, mas não sabemos utilizá-lo”*.

Conheci pessoas que se posicionaram contra os vários grupos e se centravam mais nos aspectos econômicos. Diziam que *“antes era melhor, pois não havia uma relação tão comercial como agora”*, que se transformaram

muito e “até virou negócio”, outros ressaltaram a não transparência das prestações de contas dessas instituições e até desafiavam para que mostrassem alguma prestação anual, pois argumentavam que os ganhos não vinham a público.

Outras críticas se referiam aos núcleos familiares ou de amigos próximos que mantinham os grupos fechados e não permitiam nenhuma adesão a novos integrantes em sua diretoria, “*o que me cheira muito mal porque quem não deve não teme*”, disse uma advogada, afirmando ter participado de vários deles, mas percebeu que a espiritualidade estava sendo utilizada para fazer dinheiro e concluiu que “*de agora em diante, só participo de algum grupo onde haja total transparência*”.

A desilusão frente às propostas e o resultado final dos serviços prestados foi um tema bastante criticado, juntamente com a propaganda estimulante, que não correspondia à qualidade dos serviços realizados. Também surgiram críticas a algumas pessoas sensíveis, de quem diziam serem distantes e se colocarem como seres especiais.

Em meio a essas críticas, e apesar delas, a conclusão final é de defesa dos grupos espirituais pela maioria dos participantes contatados, em torno de umas 50 pessoas. Eles centraram a aceitação no processo de mudança interna e pessoal e de abertura para novas relações. A incorporação de novos aprendiza-

dos, novos valores e mudança de mentalidade foram pontos apontados como significativos. A sensação de liberdade em participar de diferentes grupos também foi bastante valorizada.

As pessoas sentem-se menos coibidas que nas religiões oficiais e, inclusive, não se viam participando de uma organização religiosa. Creio que isso se deve à própria difusão interna dos grupos de não se denominarem religiosos e provavelmente ao papel negativo sobre a noção de religião, que não a coloca a nível de um tipo de conhecimento e sim de crença e fé, com todas as conotações negativas que esses termos incorporam.

Quanto ao aspecto econômico, a maioria dos participantes defendeu a o pagamento dos profissionais, pois *“afinal é gente com todas as necessidades e estão ali desenvolvendo um trabalho tão importante como qualquer outro”*, diziam. Para eles a cobrança de taxas para certas atividades era lícita e não podia ser diferente em uma sociedade onde tudo tem um custo.

Afirmavam que receberam muito em termos pessoais, que aprenderam muito, que se encontravam melhores com a descoberta de suas capacidades e, portanto, o custo-benefício era bastante razoável. Algumas pessoas se expressavam agradecidas e fizeram alusão ao fato de que empresários, por exemplo, podem cobrar o que quiserem por seus produ-

tos, mas quando a questão tem a ver com a espiritualidade a lógica se inverte: “*isso é um moralismo ultrapassado*” comentaram. Pude perceber que sabiam distinguir entre as organizações que foram fundadas em nome do lucro, daquelas em que a proposta de trabalho não se restringia apenas ao aspecto econômico.

Um aspecto que ficou bastante evidente foi a rejeição às questões político-partidárias e quase não se ouve nenhuma referência a algum dirigente político ou a ações governamentais, por exemplo, embora se reconheça a importância dos mesmos para o bem estar social. Por isso, em diversas ocasiões, se costuma fazer orações “para que a mente dos mesmos se ilumine”. A visão desses grupos é que o mundo se modifica a partir do momento em que cada pessoa se modifica. Segundo eles, isso ocorre do interior para o exterior, e é mais importante que participar de políticas partidárias.

“
O mundo se
modifica a partir
do momento em
que cada pessoa
se modifica
”

Destaco o caráter pedagógico e reiterativo dessas organizações, quanto à persuasão dos seus ensinamentos, aliado a um serviço de comunicação por boletins internos, cartazes, entrevistas em rádio e Tv. Normalmente os grupos têm páginas webs para divulgação de suas programações e o grupo Pax é um dos pioneiros no uso do serviço de rádio on-

line (que vai ao ar diariamente). Além disso, mantém programas semanais pela TV e através de uma emissora de rádio.

Ficou patente a consciência das pessoas para os novos significados sobre o seu corpo, o ânimo que experimentam por se sentirem pertencendo a um grupo que defende uma melhor relação consigo mesmas e com seu entorno, pois não era somente a sensação de participar de um “pedacinho” do mundo, mas do universo inteiro como nos disse uma psicóloga de 47 anos: *“olha, quando percebi que sou parte desse universo, que sou parte do corpo de Deus, não tenho vergonha de dizer que chorei [...]”*.

A importância dessa percepção e desse sentimento é reforçada na fala de Eckert (2001:163), quando afirma: “corpos sígnicos, o corpo-sujeito é linguagem produzida no processo de socialização, tanto quanto produtor de sentido que fala de contextos sociais, de pertencimentos culturais”.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha (Coleção *Os Pensadores*). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

CANAL, Gemma Orobítg. Repensar las nociones de cuerpo y de persona: ¿Porqué para los indígenas Pumé para vivir se deber morir por un rato? **Etnográfica**, v .2, 2001, p. 221.

CANTÓN DELGADO, Manuela. Religión, Racionalidad y Juegos del lenguaje. Trastienda teórica para una aproximación reflexiva a las nuevas religiones. **Política y Sociedad**. Madrid, Editorial Complutense, v .40, n. 2, p. 253-271.

CSORDAS, Thomas J. **Embodiment and Experience**: the existential ground of cultura and self. Greet Britain: Cambridge University Press, 1994.

_____. **Language, Charisma, and Creativity**: The Ritual Life of a Religious Movement. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1997.

ECKERT, Cornélia. Do Corpo Dilapidado À Memória Re-Encantada. In: LEAL, Ondina Fachel (Org.). **Corpo e Significado**: ensaios de Antropologia Social. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001, p.163

JACKSON, Michael. **Minima Ethnographic**: Intersubjectivity and the Anthropological Project. Chicago e Londres: University of Chicago Press, 1998.

LACARRIÈRE, Jacques (Trad.). **Les Évangiles des Quenouilles**. Paris: Imago, 1987.

MARIA CONSUELO OLIVEIRA SANTOS

LE BRETON, David. **Antropología del Cuerpo y Modernidad**. 2. ed Buenos Aires: Nueva Versión, 2002.

MAUSS, M. As técnicas corporais: In: **Sociologia e Antropologia**. v. 2. São Paulo: EPU-EDUSP. 1974,

MERLEAU-PONTY, Maurice.
Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MAGNANI, José Guilherme C. **Mystica Urbe**: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole. São Paulo: Estudio Nobel, 1999.

NEGRÓN, Jorge J. F. Medicina y Espiritualidad: redescubriendo una antigua alianza. In: FERRER, Jorge; MARTÍNEZ, Julio L. (Eds.) **Bioética**: Un Diálogo Plural. Madrid, Comillas, 2002, p. 900 e 902.

WEBER, Max. **La Ética protestante y el espíritu del capitalismo**. 9. ed. Barcelona: Península, 1989.

_____. **Economía y Sociedad**. Madrid: Fondo de Cultura Económico, 1993 [1922].

VASCONCELOS, Eymard Mourão (Org.). **A espiritualidade no trabalho em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2006.

Recebido em setembro de 2007
Aprovado em novembro de 2007